

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. OS DEPÓSITOS QUATERNÁRIOS DO LITORAL MINHOTO E A SUA PROBLEMÁTICA ACTUAL.**

CARVALHO, G. Soares de; MEIRELES, J.

Ano: 1984 | Número: 94

---

### **Como citar este documento:**

CARVALHO, G. Soares de; MEIRELES, J., Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Os depósitos quaternários do litoral minhoto e a sua problemática actual. *Revista de Guimarães*, 94 Jan.-Dez. 1984, p. 406-410.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Os depósitos quaternários do litoral minhoto e a sua problemática actual

Por G. SOARES DE CARVALHO  
e J. MEIRELES

## 1 — QUADRO LITOSTRATIGRÁFICO

A metodologia seguida na análise das formações quaternárias, quer no terreno, quer em laboratório, já foi por nós explicitada em trabalhos anteriores (CARVALHO 1981).

No litoral minhoto, a sucessão de unidades até agora fixada, mas com carácter provisório, está indicada no quadro que inserimos na página seguinte.

## 2 — INDÚSTRIAS LÍTICAS

As questões de índole cronológico-cultural suscitadas pelas indústrias reconhecidas nas formações quaternárias existentes ao longo do litoral minhoto permanecem, ainda hoje, como um dos pontos mais controversos da Pré-História do Noroeste Peninsular.

Em trabalhos anteriormente publicados (CARVALHO, LEMOS e MEIRELES 1980, 1982, MEIRELES 1982) tivemos já ocasião de referir, se bem que sumariamente, a enorme dificuldade, bem como a disparidade de critérios e de classificações que existiram, e continuam a existir, relativamente a esses materiais. Tais problemas resultam, a nosso ver, dos métodos que têm vindo a ser empregues no domínio, não só das classificações tipológicas dos utensílios, mas também quanto ao reconhecimento e correto posicionamento estratigráfico desses materiais.

## QUADRO

### LITOSTRATIGRAFIA DO QUATERNÁRIO DO LITORAL MINHOTO

- |  |  |   |
|--|--|---|
| 9 — Cascalhos das praias actuais com peças líticas roladas («Asturienses»)   |  | Areias de praias  |
| 8 — Areias eólicas e das dunas   |  |   |
| 7 — Cascalhos com peças «asturienses» removidas (pelo Homem histórico?; pelos mecanismos da transgressão actual?).               |  |   |
| Estes cascalhos sobropõem construções históricas (calçadas, muros de suporte, defesas contra a acção do mar, salinas (?), etc.). |  |   |
| 6 — Depósitos de solifluxão, com seixos de xisto com quiastolite ou aterros (contém utensílios).                                 |  |   |
| 5 — Unidade marinha com seixos e peças líticas não roladas no seu topo.<br>(Gelfa e Vila Praia de Âncora)                        |  | Areias soltas e cascalho marinho com seixos de xistos silúricos e peças líticas não roladas (Esposende).                                    |
| 4 — Areno-argiloso (complexo areno-pelítico das cartas geológicas na escala de 1:50.000).  |  |   |
| 3 — Depósitos de vertente colizados (Laundos).   |  | Seixos colizados   Areias eólicas (Laundos).  |
| 2 — Cascalhos marinhos com peças líticas (Vila Praia Âncora).  |  | Cascalho arenoso marinho com seixos fragmentados (Gelfa).   Areias e cascalhos arenos-argilosos deformados tectonicamente (Estela — Criad). |
| <p>Areias grosseiras fluviais com lenticulas argilosas e couraças ferruginosas hidromórficas<br/>(Rates — Rio Mau).</p>          |  |   |
| 1 — Cascalho marinho mais alto e plataforma de abrasão (Hospital da Gelfa e a Leste da faixa litoral)                            |  | Areias argilosas marinhas (Laundos).   Arriba bem marcada.  |

Neste sentido, e no âmbito do projecto de investigação que recentemente elaboramos, procuraremos ultrapassar tal situação mediante a seguinte metodologia:

- Obtenção de séries suficientemente representativas sob o ponto de vista quantitativo e claramente definidas estratigraficamente.
- Realização de estudos tipológicos, tendo em vista a definição dos tipos primários existentes, bem como das suas variantes.
- Posteriormente, submeteremos os quantitativos obtidos a um tratamento estatístico adequado, por forma a identificar as diversas unidades culturais eventualmente existentes, assim como a evolução verificada dentro de cada uma delas.

Presentemente, o estado de desenvolvimento deste nosso projecto situa-se ao nível do primeiro estágio enunciado, razão pela qual não nos é possível, de momento, fornecer dados conclusivos. Todavia, dos estudos e observações que já tivemos oportunidade de realizar, alguns aspectos há aos quais importará, desde logo, fazer referência:

- O nível de cascalho no qual é possível detectar grande número de peças líticas, predominantemente roladas, geralmente classificadas como «Asturienses» e, ou «Languedocenses» e que na bibliografia especializada nos surge habitualmente integrado no terraço marinho de 5-10 e, ou 5-8 metros, encontra-se, na jazida de Forte do Cão (Gelfa), sobreposto a construções nitidamente históricas. Tal situação inviabiliza, desde logo, o significado cronológico e estratigráfico que se pretende atribuir a essa formação, bem como aos materiais nela contidos.
- No topo, assim como inseridas na formação areno-argilosa de cor negra identificada ao longo de todo o litoral minhoto (formação «areno-pelítica de cobertura» — TEIXEIRA e ASSUNÇÃO 1961), reconhecemos a existência, nas jazidas de Vila Praia de Âncora (Norte) e de Forte do Cão (Gelfa), de peças líticas, «in situ» e praticamente sem qualquer desgaste. De entre os diversos tipos identificados contam-se os chamados «picos asturienses». Em 1969, Henri Nonn (NONN 1969) procedeu, na região de Mougas (Bayona, Pontevedra), a uma série de datações pelo método do Carbono 14, numa formação cujas características macroscópicas são em tudo semelhantes às do depósito areno-argiloso reconhecido na faixa litoral do Minho. As análises forneceram as seguintes datações:

18.200 B.P. — Na zona mediana do depósito.

11.650 B.P. — No seu topo.

A confirmar-se para o litoral português estas datações obtidas na Galiza, as indústrias minhotas normalmente classificadas como «Asturienses» veriam o seu âmbito cronológico, bem como cultural, substancialmente alterado. Com efeito, os estudos e as datações realizadas por G. Clark (CLARK 1976) em estações arqueológicas das Astúrias, permitiram clarificar as balizas cronológicas dessa indústria que, tal como um fantasma, tem acompanhado os pré-historiadores portugueses em geral e, particularmente, aqueles que se debruçaram sobre o Quaternário da região minhota: o «Asturiense». Assim, as datações obtidas para os níveis desta indústria foram as seguintes:

- 8.900 B.P. — Penical
- 7.000 B.P. — Bricia A.

Face a estes dados, os materiais tidos como «Asturienses» do litoral da região do Minho situar-se-iam no Tardiglaciar, portanto, com uma cronologia mais recuada que a indústria lítica das Astúrias.

Aliás, em reforço de tal hipótese de trabalho, parecem vir situar-se determinados estudos e observações, às quais se impõe fazer referência. Com efeito, as análises sedimentológicas realizadas por L. Berthois (BERTHOIS 1949) do depósito areno-argiloso negro existente na região, revelam a existência de fenómenos de solifluxão durante o seu processo de deslocamento para a base das vertentes. Do mesmo modo, na zona de Santo Izidoro e de S. Domingos, é possível observar no mesmo depósito, determinados fenómenos bastante semelhantes a bolsas de crioturbação.

Se a estes factos associarmos os estudos efectuados no âmbito do projecto CLIMAP (os quais nos apresentam o limite da Frente Polar, na fachada atlântica europeia, a uma latitude de 42 graus Norte, ou seja, precisamente a latitude a que se encontra a região minhota, e que este limite máximo se situa cronologicamente à cerca de 18.000 B.P.) (COUDÉ-GAUSSÉN 1981, Mc INTYRE 1977, RUDDIMAN, Mc INTYRE 1973) bem como as datações fornecidas por H. Nonn, poderemos começar a construir um quadro, quiçá, mais aproximado do verdadeiro significado cronológico de algumas indústrias líticas do litoral minhoto. Do mesmo modo, a nível cultural haveria necessidade de modificar, profundamente, as concepções actualmente existentes. No entanto, tal questão será objecto de uma análise aprofundada que contamos vir a realizar dentro em breve.

- Nas escavações levadas a cabo na jazida de Forte do Cão (Gelfa) e num nível inferior à formação areno-argilosa já referida anterior-

mente, foram identificados uma série de artefactos, de entre os quais se destaca um núcleo discóide de tipo mustirense.

Em conclusão, e relativamente aos vestígios culturais reconhecidos até ao momento, podemos afirmar, tão só, que eles se traduzem por indústrias de feição arcaizante, as quais, por falta de paralelos e no estado actual dos nossos conhecimentos, aguardam uma classificação. Esta deverá, no entanto e em nosso entender, partir de parâmetros locais e regionalizados.

### BIBLIOGRAFIA

BERTHOIS, L., 1949 — Contribution à l'étude des limons de la région Nord du Portugal. *Com. Serv. Geol. Portugal*, XXIX, Lisboa.

CARVALHO, G. S. de, 1981 — Uma metodologia para a análise dos depósitos quaternários. *Arqueologia*, n.º 4, Porto.

CARVALHO, G. S. de, LEMOS, F. S. e MEIRELES, J., 1980 — Contribuição para o melhor conhecimento da estratigrafia do Quaternário do litoral minhoto e das indústrias associadas. *Com. Serv. Geol. Portugal*, Tomo 66, Lisboa.

CARVALHO, G. S. de, LEMOS, F. S. e MEIRELES, J., 1982 — Estratigrafia do Quaternário e o Paleolítico do Litoral Minhoto (Portugal). Notícia dos trabalhos em curso. *Cadernos de Arqueologia*, n.º 2 Braga.

CLARK, G., 1976 — El Asturiense Cantabrico. *Biblio. Prehist. Hispana*, XIII, Madrid.

COUDÉ-GAUSSIN, G., 1981 — Les Serras da Peneda et do Gerês. Étude Géomorphologique. *Mem. Centro Est. Geográficos*, n.º 5, Lisboa.

LEMOS, F. S., 1982 — O sítio arqueológico da Gelfa. Notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*, n.º 2, Braga.

MC INTYRE, A., 1977 — Winter and Summer reconstructions of the oceans surface 18.000 years ago by CLIMAP. 10 th. *INQUA Congress*, Birmingham, (*Abstracts*).

MEIRELES, J., 1982 — A jazida paleolítica de Vila Praia de Âncora (Norte). Notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*, n.º 2, Braga.

NONN, H., 1969 — Évolution géomorphologique et types de relief en Galice Occidentale et Septentrionale. *Rev. Géog. Phys. Géol. Dynamique*, XI (1), Paris.

RUDDIMAN, W. e MC INTYRE, A., 1973 — Time transgressive deglacial retreat of polar waters from North Atlantic. *Quatern. Research*, 3, 1.

TEIXEIRA, C. e ASSUNÇÃO, C. T. de, 1961 — Notícia explicativa da folha 1-C da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50.000. *Serv. Geol. Portugal*, Lisboa.